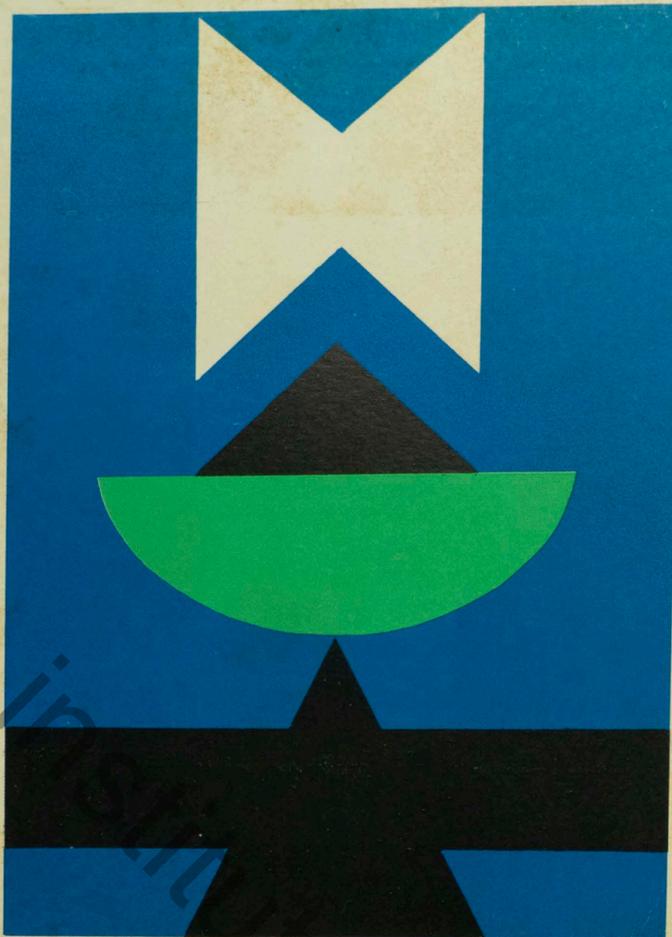


instituto de arte contemporânea

MUSEU DE ARTE
MODERNA RIO DE
JANEIRO GB BANCO
INDUSTRIAL DE
CAMPINA GRANDE S/A,
RIQUE S/A CRÉDITO
FINANCIAMENTO E
INVESTIMENTO,
COMPANHIA BRASILEIRA
DE ESTRUTURAS - COBE
CONVIDAM PARA
EXPOSIÇÃO DE
31 OBJETOS
EMBLEMÁTICOS E
RELÊVOS EMBLEMAS
DO ARTISTA PLÁSTICO
RUBEM VALENTIM,
NO DIA 12 DE NOVEMBRO
PROXIMO ÀS 18,30 HS
NO MUSEU DE
ARTE MODERNA RIO DE
JANEIRO GB 3.º ANDAR
BLOCO DE EXPOSIÇÕES.

RUBEM

VALENTIM



Col. Fábio Ribeiro

RUBEM VALENTIM

Rubem Valentim, um baiano agitado que morou no Rio, em Roma e agora em Brasília, tem ânsia de contar como faz e porque faz suas obras. É como se desejasse sempre explicar sua extraordinária vivência. O que ele faz são símbolos icônicos, portanto figurativos, apesar de estilizados com extremo bom gosto. São ligações simples entre a Bahia afro-brasileira e a arte moderna. A escultura afro-brasileira, os signos esotéricos da macumba e do candomblé foram seus pontos de partida. Primeiro procurou conhecer seus significados mais íntimos — o que são e de onde vêm — depois traduziu-os plásticamente. Olhara também Paul Klee, Kandinsky, lera as teorias da comunicação e as da *gestalt* e procurou as relações entre essas linguagens e teorias universais, a fim de aplicá-las no folclore local que sempre foi sua paixão. Não eram os ritmos, as danças, o exterior imediato e anedótico que o interessavam — talvez ouvisse mais atentamente os sons graves ou alucinados dos berimbaus e tambores — e sim os elementos estéticos, as formas puras que completavam e explicavam visualmente tudo isso.

Era um artesão aplicado que limitava seu campo de ação e seus processos a fim de aprofundá-los melhor. Ao signo folclórico acrescentava um signo plástico para criar um novo signo intermediário. Evidentemente, o resultado disso é uma pintura erudita, mas profundamente ligada a elementos afro-brasileiros, enriquecidos de novas cores e combinações formais. Assim, à primeira premissa que partia do anedótico seguia-se a segunda premissa, extraída da erudição, resultando daí uma conclusão que é o *estilo inconfundível de Rubem Valentim*. O que foi aprendido e apreendido foi digerido e ao espectador cabe então a apreciação baseada no "gosto ou não gosto".

O primeiro a notar e explicar essa síntese perfeita foi o crítico Mário Pedrosa, por volta de 1957. Pedrosa anunciou sua nova descoberta, logo confirmada por outros críticos. Era a descoberta de um artista que traduzia os mistérios baianos em linguagem universal. Rubem Valentim facilita essa compreensão porque seu grafismo é simples, as cores chapadas e finamente harmonizadas. *E seu estilo é inconfundível, original. Poucos entre nós traduziram com justeza uma realidade brasileira à sua moda e dentro da liberdade e da abstração próprias da arte moderna.*

Escrever a apresentação de um artista num catálogo é traduzir para o público, em linguagem simples, aquilo que a intuição dele

PRINCIPAIS EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- 1949 a 1955 — Salão Baiano de Belas Artes — Salvador, Bahia.
- 1950 — "Novos Artistas Baianos" — (Caderno da Bahia) Instituto Geográfico e Histórico, Salvador, Bahia.
- 1955 — III Bial de São Paulo.
- 1956 — Salão Nacional de Arte Moderna — Rio de Janeiro.
- "Artistas Modernos da Bahia" — Galeria Oxumarê, Salvador, Bahia.
- 1957 — "Artistas da Bahia" — Museu de Arte Moderna de S. Paulo.
- 1959 — "Oito Artistas Contemporâneos" — Rio de Janeiro.
- "Abstratos Brasileiros" — Ministério de Educação e Cultura, Rio de Janeiro.
- Salão Nacional de Arte Moderna — Rio de Janeiro.
- V Bial de São Paulo.
- 1960 — Salão Nacional de Arte Moderna — Rio de Janeiro.
- 1961 — "Artistas Brasileiros" — Estados Unidos da América do Norte.
- VI Bial de São Paulo, com a totalidade das obras.
- Salão Nacional de Arte Moderna — Rio de Janeiro.
- 1962 — Salão Paulista de Arte Moderna — São Paulo.
- XXXI Bial de Veneza, Itália.
- "Artistas Brasileiros da XXXI Bial de Veneza" — Roma, Itália.
- "22 Artistas" — Galeria Relêvo, Rio de Janeiro.
- Salão Nacional de Arte Moderna — Rio de Janeiro.
- 1963 — VII Bial de São Paulo, com a totalidade das obras.
- 1965 — "Alternative Attuali/2" — Rassegna Internazionale di Pittura, Scultura, Grafica — L'Aquila, Itália.
- 1966 — "Exposition d'Art Contemporain — Tendences et Confrontations", Premier Festival des Arts Nègres — 1966 — Dakar, Senegal.
- 1966 — Sala Especial, I Bial Nacional de Artes Plásticas, Salvador, Bahia.
- 1967 — Artistas Abstratos Geométricos — ENBA — Rio de Janeiro.
- IX Bial de São Paulo, com a totalidade das obras.
- 1968 — Exposição "VI Resumo Jornal do Brasil" — Rio de Janeiro.
- (Exposição-seleção das 11 melhores exposições individuais realizadas no Rio de Janeiro em 1967.)
- 1969 — I Bial Internacional de Arte Construtivista — Nuremberg — Alemanha (artista convidado).
- Panorama da Arte Atual Brasileira — 1969 — Museu de Arte Moderna de São Paulo (artista convidado).
- X Bial de São Paulo — 1969 — (artista convidado), sala com 12 trabalhos, denominados: "Objetos Emblemáticos".
- 1970 — II Bial de Artes Plásticas Coltejer-Medellin, Colômbia — (artista convidado).

NOTAS BIOGRÁFICAS

Rubem Valentim nasceu em 1922, em Salvador, Bahia. É um autodidata: começou a pintar ainda menino, fazendo figuras e paisagens para presépios de Natal. Estudou Odontologia, tendo exercido a clínica sem nunca ter deixado de pintar. Depois, em 1948, abandonou aquela profissão para dedicar-se exclusivamente à arte. Participou do movimento renovador das artes iniciado na Bahia em 1945.

No ano de 1957 transfere-se para o Rio. Em 1962, ganha o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro no XI Salão Nacional de Arte Moderna. Viaja para a Europa onde permanece três anos, visitando Museus, Galerias de Arte, interessando-se principalmente pela Arte Negra e dos Povos Primitivos, viaja pela Inglaterra, França, Holanda, Bélgica, Alemanha, Áustria, Espanha, Portugal e Itália. Fixa-se em Roma, aí trabalha e expõe. Percorre toda a Itália. Visita as Bienais de Veneza de 1964 e de 1966. Vai à África participando da Exposição de Arte Contemporânea do I Festival Mundial de Arte Negra, 1966, Dakar, Senegal. Retorna a Roma. Vem para o Brasil em setembro de 1966, atendendo a convite do Instituto Central de Artes da Universidade de Brasília.

Participou, a convite, da I Bial Nacional de Artes Plásticas — Salvador, Bahia — 1966/1967, com Sala Especial, obtendo *Prêmio Especial "PELA CONTRIBUIÇÃO À PINTURA BRASILEIRA"*.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

- 1954 — Palácio Rio Branco — Salvador, Bahia.
- 1954 — Galeria Oxumarê — Salvador, Bahia.
- 1961 — Petite Galerie — Rio de Janeiro.
- 1961 — Museu de Arte Moderna — São Paulo.
- 1962 — Galeria Relêvo — Rio de Janeiro.
- 1965 — Galeria de Arte da Casa do Brasil — Roma, Itália.
- 1967 — Exposição no Hotel Nacional — Brasília, D.F., sob o patrocínio do Instituto Central de Artes, da Universidade de Brasília.
- 1967 — Exposição na Galeria Bonino — Rio de Janeiro — Julho de 1967.
- 1970 — Fundação Cultural do Distrito Federal — Brasília

já sabe o que é, mas não consegue explicar. Ou mostrar ao público aquilo que é evidente, mas que, por falta de atenção, ele não tomou conhecimento. A crítica de arte não é literatura, é tradução. Vejamos o que Valentim quer dizer e diz em seus trabalhos.

O primeiro a se notar é que seus signos plásticos têm raízes na arte afro-brasileira da Bahia, a sua terra — isso já dissemos antes. Depois ele transforma essas imagens visuais, ainda impuras devido ao naturalismo, em imagens plásticas extremamente disciplinadas pelo raciocínio. Dessa operação nasce uma arte erudita de fundo popular. Passemos adiante. Notamos que o artista prefere as cores vivas, quentes, mas sempre harmonizadas, relacionadas umas com as outras. O conjunto é "amarrado" pela própria composição, que nasce do desenho e dos planos diferentes em que a própria cor é colocada. Há então um movimento, um ritmo que se subordina à melodia da cor e das linhas. A obra pulsa, cria uma vida interna através de meios puramente plásticos. O folclore recua, a comunicação torna-se universal. Estamos ainda num terreno puramente formalista. Como os elementos vibram, as cores são vivas e espalhadas em superfície, como o todo agrada à vista pelo requinte do artista e pela perfeição do artesão, atinge-se um segundo estágio: constatamos que é uma arte de caráter decorativo, no bom sentido. Uma arte que tem o compromisso, entre outros, de integrar-se e decorar os ambientes em que é colocada. Mas ela inspira também certa emotividade, suscita certas idéias, como as de tranquilidade, pureza, ou de alegria, de satisfação íntima e identificação com certos sentimentos do espectador. Ela conta a beleza e o segredo do folclore, sem ser folclórica. Conta como o sincretismo religioso do Brasil tem seu fundo de verdade, seus momentos de integração entre o mistério religioso e a simplicidade das coisas existentes sob o sol e as cores de uma natureza tropical. Portanto, é uma arte que tem mensagem poética, conteúdo sentimental. *E, finalmente, o espectador procura lembrar-se de outros artistas que abordaram temas semelhantes e verifica que se encontra diante de um criador original, que tem seu próprio estilo de contar as coisas, mas apenas sugerindo-as, para que se tornem mais puras.* Assim chega à arte de Rubem Valentim e enriquece-se interiormente. E esta arte cumpriu então sua finalidade principal. Deixou que o espectador a possuísse sem violências, e dizer: "gosto porque gosto, mas também gosto porque entendo porque gosto".

FLÁVIO DE AQUINO

Rio — Guanabara, 1970

PRÊMIOS

- 1955 — Prêmio "Universidade da Bahia", Salão Baiano de Belas Artes.
 - 1958 — Prêmio de "Aquisição", Salão Nacional de Arte Moderna do Rio de Janeiro.
 - 1960 — Prêmio de "Aquisição", da Federação Nacional das Indústrias — Salão Nacional de Arte Moderna, Rio de Janeiro.
 - Isenção de Júri — Salão Nacional de Arte Moderna, Rio de Janeiro.
 - 1961 — "Primeiro Prêmio" (com Milton Dacosta), no Salão da Petite Galerie — Rio de Janeiro.
 - 1962 — "Prêmio de Viagem ao Estrangeiro" — XI Salão Nacional de Arte Moderna — Rio de Janeiro.
 - "Medalha de Ouro" — Salão Paulista de Arte Moderna — São Paulo.
 - "Prêmio da Crítica" — Associação Internacional de Críticos de Arte, Seção Brasileira, pela melhor exposição do ano.
 - 1966 — "Prêmio Especial "PELA CONTRIBUIÇÃO À PINTURA BRASILEIRA", I Bial de Artes Plásticas — Salvador — Bahia.
 - 1967 — Prêmio "Aquisição" ITAMARATI — IX Bial de São Paulo.
- Encontram-se obras do artista no Museu de Arte Moderna de São Paulo, no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, na Galeria Nazionale d'Arte Moderna di Roma, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo e no Tribunal de Justiça do Distrito Federal, em Brasília, também em várias coleções particulares no Brasil e no estrangeiro.
- Opinaram sobre sua pintura: Murilo Mendes, Theon Spanudis, Flávio de Aquino, José Geraldo Vieira, Antônio Bento, José Roberto Teixeira Leite, Hugo Auler, Clarival Valadares, Quirino Campiofiorito, Jayme Maurício, Mário Pedrosa, Vera Pacheco Jordão, Wilson Rocha, José Valadares, Ferreira Gullar, Harry Laus, Maria Eugênia Franco, Frederico Moraes, Mário Barata, Pedro Manoel Cismondi, Olívio Tavares de Araújo, Walmir Ayala, Roberto Pontual, Thomaz Cohn, Sérgio Milliet, Enrico Crispolti, Giulio Carlo Argan, Giuseppe Marchiori, Umbro Apollonio, Sandra Orienti Arturo Bovi, Vittorio Del Gaizo, Guido Giufré, Palma Bucarelli e Geraldo Ferraz, entre outros.
- Membro do Júri de Seleção e Premiação do XVII Salão Nacional de Arte Moderna — Rio de Janeiro, GB — 1968.
 - Membro do Júri de Seleção para a representação do Distrito Federal à Pré-Bial de São Paulo — Brasília, 1970.

Brasília, setembro de 1970

instituto de arte contemporânea

Lay-Out: Sigla Editora
Reprodução: Manchete Press
Impressão: Gráfica Universo
Fotolito: Atelier Esto